

# Ricardo Cravo Albin

## Heitor dos Prazeres: um nome que voltou à avenida

O acúmulo de memórias em vida já tão espichada quase sempre me entenece. Ao menos quando podem evocar eventos agradáveis. Que felizmente são inúmeros.

O que não quer dizer que os eventos amargos nunca sejam lembrados. É claro que existiram. Mas, como já disse o poeta, “as amargas não”. Melhor, e muito mais sábio, confiná-las dentro de uma cumbuca de fel. E esquecer.

Acode-me agora, ao ver Heitor dos Prazeres ser novamente celebrado na avenida, a certeza de que certos nomes não pertencem apenas ao passado — pertencem ao destino do Brasil.

Heitor foi um pioneiro relevante. E não só como pintor primitivo de fina estirpe. Foi testemunha ocular do nascimento do samba na casa de Tia Ciata, onde viu nascer “Pelo Telefone” (1917, Donga – Mauro de Almeida). Foi também autor de sambas que se seguiram aos de Donga, João da Baiana, Sinhô e Pixinguinha, seus parceiros de folguedos musicais e do candomblé nos casarões da antiga Praça XI.

Pioneiro, ainda, como fundador da Portela, onde era conhecido como Mano Lino.

Querem mais de Heitor? Foi admirado por presidentes da República como Juscelino Kubitschek e por intelectuais do porte de Carlos Drummond de Andrade, seu amigo e confidente.

Conheci Heitor na antiga Galeria Goeldi, fundada pelo crítico Clarival do Prado Valladares, que a ele me apresentou com frase definitiva:

“— Este é o melhor pintor do Brasil, porque nunca estudou nada e sabe tudo.”

Eu já colecionava seus discos — não os quadros, que já valiam fortunas —, sambas gravados pelo conjunto “Heitor e sua gente”, indicados com fervor por Lúcio Rangel e Sérgio Porto, o Stanislaw Ponte Preta, que costumava chamá-lo de “Prazeres Duplos”: os da pintura e os do samba.

Quando criei no MIS, em 1966, os depoimentos para a posteridade, um dos primeiros a gravar seria ele. Durante três horas, contou-me sua vida. Falou de sucessos como “Pierrô Apaixonado” (com Noel Rosa), “Lá em Mangueira” (com Herivelto Martins) e “Mulher de Malandro”, este último sem parceiro, imortalizado por Chico Alves.

Ao despedir-se na porta do Museu, impecável de terno escuro e óculos redondos, inclinou-se para mim e disse:

“— Vou te contar um segredinho que não pude dizer lá dentro. O malandro da mulher do samba era este seu criado.”

E piscou o olho estrábico, moldura perfeita para aquele rosto marcado pela vida e iluminado pela malícia do samba. Foi a última vez que o vi.

Hoje, ao vê-lo renascer na avenida, compreendo que certos artistas não morrem. Transformam-se em enredo, em bateria, em canto coletivo. Heitor não pertence apenas à história — pertence ao Carnaval.

E enquanto houver tamborim, haverá Heitor dos Prazeres.

# Álvaro Fernando\*

## Samba-enredo, o protagonista do asfalto

Chega o carnaval e, mais uma vez, teremos os desfiles das escolas e a apresentação de seus sambas-enredo. Haverá sempre quem repita: “Para mim, são todos iguais”. É o mesmo equívoco de quem diz que toda cerveja é igual, que pizza “é tudo a mesma coisa”, que café forte é sempre bom ou que futebol se resume a correr atrás da bola: quando falta convivência, repertório e amor, a complexidade some e o que é rico passa a parecer simples demais.

Enredo vem da ideia de trama, narrativa, fio condutor. No carnaval, cada escola escolhe um tema (histórico, cultural, social ou poético) e o samba-enredo é a música criada para contar essa história ao longo do desfile. Esse é o verdadeiro protagonista da composição musical.

Enquanto no cinema e no teatro nós, compositores de trilhas sonoras, servimos ao filme ou à peça, no carnaval acontece o inverso: todo o desfile é concebido para representar a música. Eu chamo essa virada de protagonismo. E ela não vale só na avenida: é um ativo raro no mundo dos negócios, da política e da comunicação.

Sim, existem diversos sambas, apesar da repetição dos temas. Cantaram muitas vezes os feitos lusitanos porque, nos primeiros desfiles de rua, as escolas de samba tinham como principais patrocinadores os comerciantes portugueses. Quando o desfile ainda dependia diretamente desse apoio, era natural os enredos despertarem a simpatia de quem viabilizava a festa. Observar o que será realizado na avenida deste ano é entender um pouco mais sobre o momento brasileiro. O carnaval aprendeu cedo uma lição básica da comunicação: quem viabiliza a narrativa influencia o canto.

Mesmo assim, o fator humano sobressai, revela que o samba é sustentado pela melodia do sambista, na batida pulsante estimulando o corpo, perdurando musicalidade nas memórias ao atravessar o tempo. Estamos prestes a presenciar a inevitável expressão sonora multicultural de compositores da geração Z até a velha guarda, podendo render surpresas.

Seja como for, sugiro pelo menos uma vez a experiência de assistir a uma manifestação musical, sendo o desfile no sambódromo o nosso ápice. O impacto de presenciar a entrada de uma grande escola na passarela é diferente daquilo que vemos na tela, assim como uma cachoeira ou um pôr do sol.

É uma experiência de estar junto do samba. Junto fisicamente, emocionalmente, intelectualmente, espiritualmente. Parte dessa experiência pode ser vivida também nos ensaios dessas escolas. Não é fácil fazer acontecer a magia apresentada nos desfiles. Uma demonstração do que só o povo brasileiro é capaz de fazer, por meio da cultura e sua capacidade de organização.

Quer ir às lágrimas com o samba? Vá a um ensaio na Unidos da Vila Isabel, uma das escolas mais tradicionais do Rio de Janeiro. Verá os moradores de uma área com forte presença cultural e histórica, o Morro do Macaco, tomarem as ruas e cantarem o samba a toda voz. Entenderá do que é feito um desfile e compreenderá através do coração e não da cabeça que os sambas-enredo são inigualáveis. Todas as escolas podem oferecer essa experiência, escolha pelo bairro, pelas cores ou por pura simpatia, ou faça como eu: vá a todas que conseguir.

Antigamente as escolas guardavam até o último dia seus segredos, os artistas e artesãos faziam os carros alegóricos em estrutura de madeira e ferro improvisado, escondiam os carros embaixo das pontes para proteger das chuvas. Certa vez, quando trabalhava no lançamento em CD dos cem anos de “Cartola Para Todos”, indicado ao Grammy Latino, visitei a Cidade do Samba onde hoje as escolas centralizaram seus trabalhos. Seu Antônio guiava pelos bastidores das oficinas e dizia, desencantado: “Imagine só, meu filho, hoje todo mundo vê os carros antes do desfile...”.

Sim, tudo se profissionalizou. Este ano poderemos ter sambas-enredo compostos com a ajuda da inteligência artificial. Já pensou nisso?

O que há de bonito continua intocado: o sambista permanece assim como o samba-enredo. Vem aí mais um ano de samba.

“Veja essa maravilha de cenário” onde “o povo canta em forma de oração”, um grito de “Liberdade, liberdade!” entoando que, apesar dos pesares, “É hoje o dia da alegria” e que “explode o coração na maior felicidade”. “Bum Bum Paticumbum Prugurundum”.

**\*Álvaro Fernando, formado em Direito pela USP, é músico, escritor, palestrante e autor de trilhas de comerciais premiados em Cannes, Londres e Nova York.**

## EDITORIAL

## Rodoanel Norte e os desafios da mobilidade paulista

São Paulo, motor econômico do Brasil, enfrenta um paradoxo: enquanto cresce e se moderniza, sua infraestrutura de transporte ainda não acompanha essa expansão. O Rodoanel Norte, última etapa de um projeto iniciado há mais de 30 anos, evidencia a urgência de obras estratégicas, mas também os efeitos de sucessivos atrasos, custos adicionais e planejamento deficitário.

O Rodoanel Norte visa interligar rodovias essenciais, aliviar o tráfego intenso que atravessa bairros e cidades do entorno da capital e facilitar o transporte de cargas entre as regiões Norte, Leste e Oeste da Grande São Paulo. A expectativa é reduzir congestionamentos crônicos, acidentes e melhorar a fluidez do trânsito, especialmente para caminhões que hoje cruzam áreas urbanas densamente povoadas e impactam a rotina de milhares de cidadãos diariamente.

No entanto, sucessivos atrasos e aumentos de custos frustram moradores, comerciantes e motoristas que enfrentam congestionamentos diários, desgaste urbano e poluição crescente. Cada quilômetro de obra interrompida representa tempo perdido, gastos extras e maior impacto ambiental, mostrando que a ineficiência na execução compromete de forma direta a qualidade de vida da população e a confiança nos projetos públicos.

Mais que um investimento em concreto, o Rodoanel Norte é um teste de gestão pública e transparên-

cia. Concluir a obra exige recursos financeiros, fiscalização rigorosa, cronogramas realistas e comunicação constante com a sociedade. Cidades que crescem sem infraestrutura adequada pagam um preço alto: trânsito ineficiente, aumento de poluição e desigualdade no acesso a serviços essenciais.

O impacto de obras atrasadas vai além do transporte: afeta economia, saúde, meio ambiente e até a percepção de segurança nas vias. Trânsito lento significa tempo perdido, menos produtividade, maior emissão de gases poluentes e risco maior de acidentes. Para empresas, representa custos extras; para famílias, menos tempo com educação, lazer e convívio social, prejudicando a qualidade de vida de forma ampla e contínua.

O Rodoanel Norte é mais que uma estrada; é símbolo da relação entre crescimento econômico e qualidade de vida. Concluir a obra é oportunidade de mostrar que São Paulo pode transformar planejamento em resultados concretos, garantindo deslocamentos mais rápidos, seguros e sustentáveis, além de reduzir desigualdades regionais.

A população paulista merece respostas. Que 2026 seja o ano em que a promessa de infraestrutura eficiente deixe de ser apenas um projeto no papel e se torne realidade visível, refletindo planejamento sério, execução responsável e atenção às necessidades de quem vive, trabalha e depende diariamente das vias do Estado.

## Opinião do leitor

### Das Cinzas...

Acabou o Carnaval eu já consigo ver daqui a Copa do Mundo vindo em nossa direção. O Carnaval se foi. Adeus, ano velho. Feliz ano novo de novo. A quarta-feira de Cinzas martela impiedosa: “Vieste do pó, ao pó voltarás”. Boa quaresma para todos nós.

José Ribamar Pinheiro Filho  
Brasília - Distrito Federal

## Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) • Paulo Bittencourt (1929-1963) • Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

**Patrick Bertholdo** (Diretor Geral)  
patrick.bertholdo@correiodamanha.net.br

**Cláudio Magnavita** (Diretor de Redação)  
redacao@correiodamanha.com.br

**Redação:** Gabriela Gallo, Ives Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)  
**Serviço noticioso:** Folhapress e Agência Brasil  
**Projeto Gráfico e Arte:** José Adilson Nunes (Coordenação), Anderson Sã e Thiago Ladeira

**Telefones:** (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872  
**Whatsapp:** (21) 97948-0452

**Rio de Janeiro:** Av. João Cabral de Mello Neto 850 Bloco 2 Conj. 520  
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

**Brasília:** ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Núcleo Bandeirantes  
Brasília - DF CEP 71736-20

**São Paulo:** Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317, Água Branca - São Paulo-SP - CEP 05001-200  
**Campinas:** Avenida Aquidabã, 766, Sala 51, Centro - Campinas-SP, CEP 13010-132  
www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.